

## A VIAGEM

Magda Velloso Fernandes de Tolentino

Last night I ha'e dreamed a dreary dream  
Beyond the Isle of Sky  
I saw a dead man win a fight  
And I think the dead man was I

Sonhei com Toni a noite passada. Talvez fosse mesmo inevitável, depois da conversa que tive com Iracema. Não lhe contei nada sobre ele, mas ele esteve em todas as palavras que eu disse. E Iracema sabia. Nada lhe contei, mas ela não pode ter deixado de adivinhar pelo pouco que eu lhe disse. E tudo voltou. As sensações. Os desejos. A ânsia. Logo agora que eu estava começando a aceitar tudo outra vez. Havia já tanto tempo que não pensava nele...

E não sei bem como começou. Sim. Agora me lembro. Estávamos conversando sobre o Colégio. E senti tantas saudades...

— Sabe, Iracema, tirei tudo que podia tirar do Colégio. E mesmo assim eu tive pena de deixá-lo. Você sabe, parece que nossa vida se fecha quando saímos do Colégio.

Iracema disse que de fato no momento da formatura ela sentira que sua vida se dividia então em passado e futuro.

— Eu não podia deixar de gostar do Colégio. E do tempo de colégio. Você vê, tudo que aconteceu comigo, foi enquanto eu lá estava. Todas as minhas primeiras emoções, eu as partilhava no Colégio.

**Iracema:**

— Dá saudades mesmo de quando nós estávamos lá e éramos tão jovens e tão felizes.

— Não — retruquei — tenho saudades de outra coisa. Tenho saudades de quando era tão jovem e tão desesperadamente infeliz. Eu adorava o Colégio, mas era muito infeliz. Sofria com todas as forças que eu tinha. E tenho saudade disso, pois agora nem infeliz completamente eu consigo ser. Só sinto esse vazio..

Iracema escutou. Falei da mágoa. Ela disse que nunca adivinharia pela minha aparência.

— Eu sei... Mas de que serve mostrar aos outros o que não vai adiantar nada?

Fiz uma pausa forçada, pois algo me subiu à garganta ao pensar em tudo aquilo.

— Conte à Mamãe uma vez. Isto é, tentei contar-lhe. Mas não lhe disse tudo. Sei que ela nunca compreenderia. Ela se preocupou, como é natural, mas como eu me calei depois, ela considerou aquele episódio como uma outra crise.

— E era?

— Em parte era. Mas uma crise que eu já sofrera outras vezes, e desta vez com um novo fator.

Iracema abanou a cabeça. «Ela sabe», pensei. «Ela sabe o que eu não lhe disse».

— Não quer contar, Paula?

— Não adianta, Iracema.

Senti uma vontade repentina de contar-lhe. Mas não ali, na rua. E eu sabia que, tendo passado aquele momento, não lhe contaria mais. Estranho. Não via Iracema muitas vezes, embora trabalhássemos na mesma escola. Apesar disso, ela continuava a inspirar confiança. Lembrei-me de que no Colégio ela

nunca partilhara de segredinhos. O que tinha a dizer, dizia-o ali mesmo, com franqueza e honestidade. Eu podia bem compreender seu espírito confiante. Deixei o momento escapar. Tolice. Ela já sabia tanto sem eu nada lhe dizer. Talvez me tivesse aliviado um pouco contar-lhe o resto. Mas como foi, somente piorou meu estado de alma. Já estava tão conformada. Já havia me acostumado outra vez ao estado de coisas. Já conseguia sorrir para Armando sem pensar em Toni. E agora, tudo tinha voltado.

Sonhei com Toni esta noite. Sonhei que tínhamos feito uma viagem de ônibus juntos. Eu já estava no ônibus quando eles entraram. Ele e Orestes. Orestes sentou-se ao meu lado e veio conversando. Sobre tudo e todos. Como é seu costume. Toni não se dirigiu a mim, nem me cumprimentou. Mudou de lugar mais de uma vez. Eu o observava com o canto dos olhos, para que Orestes não percebesse. Só veio ter comigo quando já havíamos chegado. Onde, não sei. Nem sabia como ele havia se aproximado. Sabia que ele estava ali, perto de mim, e não havia ninguém ao redor. Eu tinha uma criança nos braços, e a criança era Ricardinho. Ele chegou, brincou com Ricardinho, fez-lhe cócegas, Ricardinho riu, e ele pegou minhas mãos. A princípio tentei retirá-las, pois não tinha aquele direito. Depois, na fração de segundos em que pensei «que adianta?» ele estava se despedindo e talvez fosse a última vez que eu o visse. Deixei-o segurar minhas mãos. Ele apertou-as carinhosamente, olhando-me nos olhos. Senti uma sensação esquisita, um calor crescendo dentro, um sentimento que eu já havia esquecido que ainda podia sentir. Deixei aquela sensação tomar conta de mim, e tudo ao redor foi sumindo, e só havia nós dois, Toni e eu, e depois eu estava só. Então acordei. Acordei com a mesma realidade com que havia descido do trem há meses atrás. Acordei para a mesma vida para a qual havia chegado daquela viagem.

Naquele dia sentira um aperto na garganta quando o trem começara a mover-se lentamente e Orestes sacudira-me a mão. Teria tanta amizade a ele assim, ou seria porque estava abandonando todos aqueles dias maravilhosos? Sentira uma súbita

onda de calor por Orestes, e com os olhos cheios d'água abanara-lhe a mão também. Naquela despedida ele representava tudo que eu estava deixando para trás.

Márcia não pudera ir até à estação conosco, pois ela tinha que colocar Ricardinho para dormir. Eu não pudera conter as lágrimas ao abraçá-la, e Márcia também chorara. Não disséramos uma palavra de adeus, era uma coisa inútil entre nós. Já havíamos feito todas as recomendações antes, as lembranças, e a amiga perguntara:

— Quando é que você vem outra vez?

Nossos olhos tinham se encontrado e Márcia compreendera naquele momento, se é que não havia compreendido antes, quando lhe disse:

— Talvez nunca mais, Márcia. Não sei mesmo se desejo voltar.

Procurei a poltrona do trem onde Orestes já havia colocado meus embrulhos e sentei-me. Ao meu lado havia uma moça. Não me lembro mais como ela era, e talvez não a tivesse distinguido no meio dos passageiros, se a tivesse visto misturada aos outros. Não procurou conversar, e essa pausa agradeci silenciosamente. Depois dos primeiros dez minutos, esqueci-me dela e virei-me para a janela.

Foi uma viagem maravilhosa. Embora cercado de pessoas a rir e a conversar ao longo de todo o carro, eu estava sozinha. Sentia-me sozinha no mundo, e no entanto nem um pouco solitária. Não tinha mais vontade de chorar. Ao contrário, sorria comigo mesma ao me lembrar de alguma travessura de Ricardinho. As pessoas que me rodeavam não existiam, eu estava à parte, separada, sozinha num mundo meu. Deixava para trás a alegria, a felicidade, o contentamento, a liberdade de espírito, e rumava para a dissatisfação, angústia, solidão acompanhada. E mesmo assim não me sentia infeliz. Não sentia aquela alegria sadia que havia sentido em São Paulo. Aquilo estava acabado e passado. Não não sentia tristeza também ao pensar no que me

esperava. Apenas não sentia nada. E não estava angustiada por não sentir nada. Era antes uma libertação do espírito, a sensação de saber que eu era eu mesma, mais eu do que já havia sido em qualquer época, em qualquer momento, sem precisar fingir ou pretender. Era um «eu» de quem podia gostar, um «eu» que não precisava disciplinar ou vigiar. Um «eu» livre. E além disso, a descoberta de que ainda podia ter um contentamento íntimo completo; e também de saber que ainda podia pertencer. Pensava em Toni; mas longinquamente. Pensava em Armando; mas também longinquamente. Pois, apesar de tudo, sabia que Armando me esperava. Soubera todo o tempo. E, reconhecia agora, tinha ainda a ilusão de que a memória de Toni encheria as minhas horas de solidão.

Fui ao carro restaurante na hora do almoço e conversei com uma companheira de mesa. Esposa de um gerente de banco. Deixara a filhinha para trás até montar casa em São Paulo. Vinha agora buscar a filha. E a empregada.

Em Barra do Paraí paramos algumas horas para fazer a baldeação para o trem que vinha do Rio. Deixei as malas na estação e saí a passear, sozinha, livre, feliz. Os outros passageiros saíram em grupinhos de dois e três. Parei no meio de uma praça e olhei ao redor. E pensei: «Isto é o mundo, mas eu não faço parte dele, pois estou sozinha. Só em todo o universo. Não há ninguém comigo, e eu tenho um mundo inteiro só pra mim. O mundo das minhas recordações, e aí, nesse momento, só existem as coisas que eu quero».

A noitinha o trem do Rio chegou e, quando embarquei, de repente estava escuro, todas as claridades do dia esvanecidas. Senti que minha companheira de banco era a mesma. Reconheci-a pelo vestido vermelho que, embora não tivesse notado, inconscientemente havia se gravado no fundo da minha mente. As luzes do trem estavam todas apagadas, a não ser lá no princípio do carro, onde havia uma mãe alimentando uma criança. Foi então que trocamos as primeiras palavras. A outra perguntou:

— Se importa se eu fumar?

Levei alguns segundos para compreender que a moça do vestido vermelho se dirigira a mim e para concentrar no sentido de suas palavras.

— Hein?! Ah! Fumar? Não. Não me importo.

A outra abriu a bolsa e foi tirando o maço de cigarros, o isqueiro.

— Pois é, meu noivo não quer que eu fume em público. Eu resisti o dia inteiro, mas agora não aguento mais.

Disse mais alguma coisa a respeito de alguns telegramas que o noivo lhe havia mandado, depois calou-se. Voltamos outra vez aos nossos próprios mundos. Surgiu uma lua no céu, mas não consegui vê-la, somente uma fresta de luar vinha até a janela e pousava no meu braço. Dentro, tudo mergulhado na escuridão. Ao meu lado, a luz da ponta do cigarro da companheira.

Olhei para fora. O trem entrava numa cidadezinha, e vi um grande cão magro passar na estrada e olhar tristemente para o trem sem ao menos se dar ao trabalho de latir. Ele estava todo banhado em luar, e era feio e sujo. Mas o senti quase humano. «Está só no mundo», pensei. «Só como eu. Mas ele está solitário, e eu não. Eu estou apenas sozinha.»

Só comecei a ficar apreensiva quando estávamos quase a chegar. Foi então que comecei a sentir tudo de novo: ansiedade, abafamento. Pensei no futuro; sacudi a cabeça para afastar esse pensamento; era como se fosse cair num abismo. Pensei em Toni: naquele momento ele se transformou em passado. Nem mais tinha aquele presente maravilhoso de contentamento — a a viagem estava terminada.